

O HOMEM RURAL E A COMUNIDADE

EDGARD DE VASCONCELOS (*)

Ao homem rural brasileiro se pode aplicar o conceito americano do «homem sem comunidade», (the man without a community) que Lynn Smith cita em seu brilhante trabalho sobre a estrutura de Grupo de Localidades do Brasil. De fato, não existe, entre nós, a configuração perfeita de uma *comunidade rural*, tal como a entendem os modernos sociólogos *yankees*. O grupo primário da família e a vizinhança são perfeitamente distinguíveis, no meio rural. A comunidade, porém, não se mostra perfeitamente distinta, entre nós, como o é em certos países do Velho Mundo. A fazenda brasileira não chega a constituir uma comunidade, dentro da moderna conceituação sociológica. Faltam-lhe, geralmente, muitos centros de interesses, onde a vida dos indivíduos se desenvolve. Em outros tempos, devido ao isolamento e, sobretudo, a independência em que as fazendas viviam das cidades, das vilas e das povoações, é possível que houvesse uma comunidade muito mais definida do que hoje. Pois, algumas propriedades agrícolas ainda guardam vestígios bem vivos dessa vida rural, mais centralizada na fazenda, onde os antigos agricultores tinham ao pé de si: o sapateiro, o alfaiate, o ferreiro, o carpinteiro, o celeiro, o curandeiro, o mestre escola e o padre. Desse modo, cada um desses indivíduos chefiava um grupo, em torno do qual se desenvolviam os interesses daqueles que viviam da terra. À medida, porém, que as povoações se foram desenvolvendo, em arraiais, em vilas, em cidades, foi-se destacando também da fazenda cada um desses grupos profissionais, para tomar maior amplitude nos núcleos que se iam urbanizando. Com isso, a fazenda foi-se tornando, pouco a pouco, cada vez mais dependente destes centros externos de interesse. E o homem, que antes se preparava, no meio rural, mais convenientemente para a vida, foi perdendo lentamente, muitas das habilidades, que a fazenda lhe proporcionava. Pois, devido à falta de comunicação, passou existir *verdadeira distância* social entre o meio urbano e o meio rural.

(*) Professor do Departamento de Economia Rural da ESA.

Com essa falta de *contactos socializadores*, resultante da ausência do «face to face», tão importante no treinamento e na construção de hábitos sociais, o nosso homem rural, sem comunidade, conservou apenas os rudimentos da *cultura social*, primitiva e grosseira, e é ainda graças a essa experiência dos primeiros tempos, que vive e cultiva a terra, tirando dela o sustento próprio e os recursos com que abastece as cidades. Nossas escolas profissionais agrícolas, formando, cada ano, pequeno número de técnicos ainda não conseguiram modificar essa configuração cultural primitiva de nossas fazendas. Os que se apegam à rotina estão em número muito elevado, e geralmente o contacto com o técnico, ou é raro, ou é de molde a gerar conflito, devido ao desnível mental daqueles, que estabelecem o «face to face».

Os tempos atuais estão exigindo de nós um nível de produção mais elevado. O poder aquisitivo do povo é grande, mas, de um modo geral, não há o que comprar. O meio circulante aumentou mas a produção rural continuou a mesma. Daí essa aparência de prosperidade, recobrando a nossa miséria. Urge, porém, aumentar a produção de nossas fazendas, mas para isso se torna necessário elevar a capacidade produtiva do homem rural, de modo que ele aproveite racionalmente os recursos da terra, fazendo-a produzir, segundo processos mais modernos e mais científicos. Isso equivale a dizer que precisamos melhorar a *cultura* do nosso homem rural. E por *cultura* entendemos, na moderna sociologia, aquele conjunto de práticas, resultantes da experiência—consideradas, ou reconhecidas como úteis, ou necessárias à vida dos indivíduos e dos grupos, nas diferentes etapas de sua evolução. E' preciso, pois, levar, por quaisquer meios, ao *fazendeiro* e ao *trabalhador* as novas habilidades de trabalho e de vida, sem as quais não podem eles viver, e prosperar nas atuais condições de vida, criadas pela ciência e pela técnica do mundo atual. O atraso cultural ou o «cultural lag» em que vivemos, com relação a outros povos do mundo e mesmo do continente, no que diz respeito à vida rural, deve constituir para nós, não uma fonte de desânimo, mas de estímulo para que possamos, pelo aceleração do esforço, ganhar com o trabalho o que perdemos com o tempo.

Ora, conhecendo como geralmente conhecemos a estrutura de nossa fazenda que não chega a constituir, hoje, uma comunidade típica, urge, organizar, nos principais *centros de interesse* do homem rural o Serviço destinado a operar a transformação da sua cultura, de modo que esta se processe de maneira mais rápida possível. Sem atuar, de maneira

inteligente e decisiva, nestes centros de interesse, jamais conseguiremos acelerar o desenvolvimento da nossa vida rural, arrancando-a do primitivismo em que ainda se encontra, em muitas regiões do nosso vasto território. Sabemos, por exemplo, que nossas fazendas estão, no que diz respeito ao seu aspecto comercial de compras e vendas, centralizadas em alguns núcleos de população. Geralmente, a sede dos *distritos* e dos *municípios* constitui o maior centro de interesse. E' aí que o indivíduo vai vender constantemente os seus produtos, ou comprar os de que necessita para a sua vida ordinária. E' aí que seus filhos frequentam as escolas, participam do culto, ou tomam parte em diversões e recreios. As fazendas da vizinhança convergem para aí, num movimento constante que se opera, durante a semana, os domingos, dias santos e feriados. Mas, bem examinada, a sede desses distritos, ou desses municípios, poucas oportunidades oferece ao homem rural, para modificar as suas atitudes com relação à maneira de cuidar da terra ou dos animais. A escola, a igreja, os centros de diversão, nenhuma influência nova deixam, no espírito das crianças ou dos adultos, relativamente à maneira de encarar os problemas da terra, ou da vida rural.

E' preciso, pois modificar a estrutura desses grupos, plasmadores da personalidade do homem rural, para que ele possa, através deles adquirir novas experiências e construir sua vida em bases mais racionais e mais humanas. Por intermédio da igreja, por exemplo, muita coisa se poderá conseguir, no sentido de melhorar a vida de nossas populações rurais. Mas, para isso, é preciso que os padres, num movimento unânime de caridade e de espírito patriótico, procurem preparar o homem, também, para a *vida natural*, ao invés de se perderem, apenas, em considerações de ordem sobrenatural. Urge, portanto, conciliar as duas cousas de modo que no ambiente da igreja, o homem aprenda a construir boa atitude espiritual e material para com o seu grupo, sua vizinhança, sua comunidade. O mesmo se poderá dizer com relação à escola. Este grupo, além da alfabetização, deverá cuidar da educação do homem, quer sob o ponto de vista técnico, quer sob o ponto de vista social. Pois, a verdadeira missão da escola é formar *técnicos* e *cidadãos*. E' na escola que se devem ministrar os rudimentos da vida profissional, de acordo com as tendências do ambiente e dos indivíduos que a frequentam. Não se admite que uma escola situada em distrito, ou zona rural, viva, por seu programa, e por seus métodos, inteiramente divorciada dos problemas elementares da vida rural. E é isso, precisamente, o que se

vê por toda parte, no Brasil. Outro elemento de real valor, no melhoramento do homem rural está nos grupos de recreio e de diversão que ele frequenta nos pequenos centros de interesse, existentes, na sede dos distritos e dos municípios. E' preciso pois, aproveitar todos esses elementos de modo a formar com eles o *espírito comunitário*, que irmana os indivíduos e cria neles a identidade de vidas e de destinos. A música, que geralmente exerce grande atração sobre o espírito do homem rural, deve ser convenientemente aproveitada, como fator de fixação do homem à comunidade.

Portanto, só por meio de um plano educacional inteligente, conduzido por verdadeiros sociólogos, é que se poderá operar rapidamente a transformação da nossa *cultura rural*, inculcando no espírito das populações novas experiências e novas atitudes, de modo que o *homem sem comunidade* possa aperceber-se, prontamente, dos elementos indispensáveis à vitória, neste século, que está exigindo de nós uma produção rural mais abundante e melhor. Nos quinze anos que ficaram para trás, nunca se pensou, em colocar a educação rural, nestes termos. Agora só nos resta saber se a preparação do homem rural continuará ainda no pé em que a deixaram os falsos reformadores do Estado Novo...